

## **CURSOS SUPERIORES DE MODA NO BRASIL: REGULAMENTAÇÕES, EVOLUÇÕES E PERSPECTIVAS**

*The higher fashion education in Brazil: regulations, evolutions and prospects*

Grazyella Cristina Oliveira de Aguiar<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo propõe reflexões sobre algumas questões referentes ao ensino superior de moda no país, a partir da evolução das escolas de moda nacionais constituídas e organizadas de acordo com as Diretrizes Curriculares vigentes, norteadas pelo Ministério da Educação (MEC) e outros órgãos correspondentes, a fim de tentar entender como o curso de moda foi se constituindo ao longo dos anos.

**Palavras-Chave:** escolas de moda; ensino superior; regulamentação do curso.

### **Abstract**

*This essay reflects on some issues concerning of the higher fashion education in the country, from the evolution of the national fashion schools constituted and organized in accordance with current Curricular Guidelines guided by the Ministry of Education (MEC) and other relevant bodies in order trying to understand how the fashion courses were constituted over the years.*

*Keywords: fashion school; higher education; regulation course.*

### **Introdução**

O recente aumento e desenvolvimento do ensino no país podem ser notados, em primeira instância, de formas diferentes: a necessidade de profissionais qualificados, a facilitação de créditos e bolsa estudantil, as exigências do mercado em busca de profissionais com formação superior completa, o país sendo considerado como país emergente com um crescimento industrial elevado nas últimas décadas, o surgimento de cursos em diferentes áreas, níveis e modalidades que tentam atender os diferentes

---

<sup>1</sup>Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. Bacharel em Design, com habilitação em Design de Moda pela UNIVALI. Docente no curso de Design de Moda da UNIFEBE. E-mail: grazy.a@hotmail.com.

nichos de mercado que parecem ser promissores em um determinado momento.

Assim, o que se percebe é que a amplitude e variedades de cursos - com diferentes valores de mensalidades e facilitações de créditos estudantis, flexibilidades de horários, cargas horárias, cursos oferecidos na modalidade presencial e o crescente aumento de cursos a distância - provocaram o aumento da concorrência, principalmente no ensino superior de instituições particulares. Todo esse aumento de cursos no ensino superior fez com que órgãos governamentais criassem diretrizes que regulamentassem e avaliassem a qualidade dos cursos. Tais avaliações são determinantes para a continuidade do funcionamento - ou não - de um curso. Portanto, os critérios dessa avaliação acabam norteando e indicando princípios de qualidade para a própria instituição, assim como para manter o curso em avaliação ativa no cenário atual. Neste contexto, insere-se a formação superior em moda com o seu visível crescimento no país. Atualmente, encontram-se cursos superiores em moda na maior parte dos estados brasileiros. A maioria deles ofertados em instituições particulares, estruturados a partir de diferentes perfis de formação, competências, modalidades e sob diferentes nomenclaturas.

Deste modo, este artigo tenta traçar uma breve evolução histórica das escolas de moda, desde seu surgimento até a contemporaneidade. Ao longo do texto, destacam-se alguns fatores que transformaram e abalizaram as escolas superiores de moda no Brasil - a partir da década de 80, chegando aos dias atuais - como forma de mapear fatos constituidores de sua história. Algumas transformações foram atribuídas, neste artigo, às diretrizes superiores criadas para avaliar o curso. Por fim, levantam-se algumas questões e possíveis reflexões, com a intenção de contribuir para a melhoria contínua do curso e a busca pela legitimação da área de moda no país.

#### **Evolução das Escolas de Moda: Perspectivas**

No Brasil, o estudo de moda é recente, se comparado ao de outras áreas. Até a década de 80, quem se interessasse pelo tema teria que aprender sozinho, ser autodidata, aprender com familiares que costuravam, artesãos,

aprender tirando moldes de revistas, comprando roupas em grandes cidades onde a novidade costumava chegar mais rápido e copiar a peça, fazendo o molde a partir dela. De acordo com Pires (2002, p.2), aqueles que queriam aprender sobre o assunto e tinham dinheiro faziam cursos no exterior: “Os primeiros brasileiros que foram a Paris para frequentar cursos de *design* de moda foram Rui Spohr em 1952 e José Gayegos em 1971”.

Segundo Gibert (1993, 175), a primeira pessoa que vislumbrou a organização de um curso superior na área foi Eugenie Jeanne Villien, a qual, em 1964, criou o curso e lecionou a disciplina de Desenho de Moda, na Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, nos cursos superiores de Desenho e Artes Plásticas: “Foi a primeira voz que se levantou em prol de um ensino superior acadêmico na área de Moda no Brasil.” Posteriormente ela ajudou a implementar o primeiro curso de ensino superior de moda no Brasil.

A primeira escola de moda do mundo de que se tem notícia é a ESMOD<sup>2</sup>, na França, em Paris, fundada em 1841, por Alexis Lavigne, um alfaiate que trabalhou para a Imperatriz Maria Eugênia Ignacia Augustina de Palafox-Portocarrero de Guzmán y Kirkpatrick, conhecida como Eugénie de Montijo, personalidade que foi referência no modismo da época. Alexis Lavigne desenvolveu métodos de aprendizagem para o ensino de moda a partir de noções básicas de conhecimento da área, até então não divulgados ou ensinados. Hoje a ESMOD é uma instituição internacional, com escolas em mais de quinze países, incluindo o Brasil - aqui a instituição faz uma parceria com o Senac de São Paulo desde 1994. Seus métodos de aprendizagem são patenteados, exclusivos e têm a proposta de ensinar moda em uma visão global.

No Brasil, a moda não era vista como uma área para ser estudada em cursos regulares e, menos ainda, no ensino superior. As peças de roupas eram copiadas das tendências internacionais – e era esse o atrativo das roupas – para que as pessoas as comprassem como produtos diferenciados, sendo vendidas como “a última moda em Paris”. O que se ditava lá fora era aceito aqui, como acontece até hoje, provavelmente, pela tradição na área que os países europeus têm, frente ao Brasil.

---

<sup>2</sup>A partir das informações obtidas no site da instituição. Disponível em: < <http://www.esmod.com/fr/content/historique-de-lecole>>. Acesso em: 10.mar.2014.

Com a falta de cursos, mão-de-obra qualificada e de profissionais preparados, quem assumia a função e cargos para criar produtos de moda eram leigos e autodidatas que, como já se disse, acabavam aprendendo o ofício com o exercício da profissão. Aparentemente, o entendimento da época (muitas vezes, ainda hoje, é vista dessa forma) era o de que o trabalho podia ser desempenhado por qualquer pessoa que tivesse certo talento artístico, alguma ou pouca informação de moda e dotada do chamado “bom gosto” (PIRES, 2002). Em alguns casos, hoje, vê-se que basta gostar de moda para trabalhar na área, escrever sobre o assunto, sem que para isso seja necessário qualquer preparação, estudo ou interesse mais aprofundado, facilitando a aceitação do erro crasso de tomar o “gostar” no lugar do “entender”, como se fossem palavras sinonímicas. O que se percebe é que a área, em alguns momentos, pela própria disseminação, tornou-se uma terra sem lei, terra de todo mundo, sem uma preocupação efetiva de estudo sobre o assunto.

Frente ao exposto, os cursos de moda no país estão procurando caminhos para legitimar a área. O país demorou para constituir cursos específicos para esse campo do saber. De acordo com Rodrigues (2007), a Casa Rhodia, em 1980, começou a oferecer cursos na área voltados para criação e estilismo, os quais eram ministrados pela professora Marie Rucki, em parceria com o *Studio Berçot* de Paris. Foi o primeiro curso regular do Brasil voltado para a criação, com métodos diferenciados, bem diferentes dos cursos de corte e costura que eram oferecidos, que primavam pela operação de costurar, sem a preocupação com a criação de peças diferenciadas.

Esse interesse pela área surgiu, de acordo com Pires (2002, p.9), pelo aumento de empresas têxteis e de confecção do país: “Os anos 80 trataram a moda como importante área de negócio que abrange generosa fatia do mercado de produtos industrializados.” Com o aumento da economia e de empresas do setor, sentiu-se a necessidade de criar cursos especializados na área para formar profissionais qualificados e suprir a demanda do mercado. Assim, com o aquecimento do setor, em 1982, foi fundada a Associação do Vestuário (ABRAVEST)<sup>3</sup>, criada para defender os interesses da indústria do vestuário.

---

<sup>3</sup> Associação criada para defender os interesses da indústria do vestuário, em que a cada ano gera mais empregos e lucros bem significativos: “A Associação Brasileira do Vestuário é a legítima representante dos interesses da indústria

De acordo com Fraga (2007), um dos primeiros cursos de moda do Brasil foi o curso de Estilismo e Modelagem do Vestuário – um curso de extensão –, implantado em 1984, pela UFMG, onde pessoas interessadas pela área do Brasil inteiro foram estudar. Esse curso originou o curso superior em Design de Moda da referida universidade.

Já os cursos superiores da área surgiram mais tarde. Segundo Rodrigues (2007), o primeiro curso superior voltado para a área de moda foi implantado em 1987, em São Paulo, pela Faculdade Santa Marcelina. O curso<sup>4</sup> foi organizado há mais de 25 anos, já formou grandes nomes na área, como Alexandre Herchcovitch; Cynthia Hayashi, Karin Feller, dentre outros profissionais de destaque. É o primeiro curso de moda e o mais tradicional do Brasil, sendo que em 2013 ganhou o prêmio de melhores universidades no guia do estudante, obtendo 5 estrelas. Outro curso da área que obteve 5 estrelas pelo guia do estudante<sup>5</sup> foi o curso de moda da UDESC, de Florianópolis, Santa Catarina, implantado em 1996<sup>6</sup>, sendo o primeiro curso fundado no estado. Segundo Pires (2002, p.2), quando os primeiros cursos superiores de moda foram organizados, “[...] a ideia era formar um profissional bem informado e de sólida formação, pronto a qualificar a produção brasileira de moda e abrir espaço para novas ideias”.

Atualmente, o Brasil é o país que possui o maior número de cursos voltados para a área de Moda. Para identificar alguns desses cursos, consultou-se o portal do Ministério da Educação, e-MEC, na área de pesquisa sobre Instituições de Ensino Superior cadastradas no sistema com a sigla IES. Através da pesquisa foram identificadas as instituições superiores da área de moda que foram credenciadas e, atualmente, aparecem no sistema como “em atividade”. De acordo com a consulta realizada nos dias 8 e 9 de setembro de 2014, os cursos que estão cadastrados no site do e-MEC<sup>7</sup> resultaram em 142

---

produtora de roupas em âmbito nacional e internacional. Atuando desde 1982, na capital do estado de São Paulo, congrega, através de seu conselho superior político, cerca de 63 Sindicatos Patronais Regionais da indústria do setor, abrangendo cerca de 27.661 empresas (em 2012), distribuídas por todo o território nacional”. Disponível em: <<http://www.abravesit.org.br/>>. Acesso em: 10.mar.2014.

<sup>4</sup>Outras informações referentes ao curso estão disponíveis em: <<http://www.fasm.edu.br/graduacao/curso-moda/>>. Acesso em: 10.mar.2014.

<sup>5</sup>Mais informações sobre cursos de moda, disponível em:<<http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/artes-design/moda-686724.shtml>>. Acesso em: 10.mar.2014.

<sup>6</sup>De acordo com as informações disponíveis na página do curso: <<http://www.ceart.udesc.br/moda/>>. Acesso em: 10.mar.2014.

<sup>7</sup>Pesquisa realizada entre os dias 8 e 9 de setembro de 2014. Disponível em: <[emec.mec.gov.br/emec/nova#avancada](http://emec.mec.gov.br/emec/nova#avancada)>. Acesso em: 8-9. set.2014.

cursos da área de Moda, na modalidade presencial ou a distância, voltados para a formação de Bacharelado, Tecnológico (CST) ou Sequencial, em atividade. A maioria deles sob a designação de Design de Moda, enquadrando-se na área do Design Industrial. Outros sob a denominação de Moda, enquadrando-se na área de Artes, e outros, ainda, com nomes diferenciados dos demais, como Têxtil e Moda (USP), Moda, Design e Estilismo (UFPI), Design de Moda – Estilismo e Design de Moda – Modelagem (SenacSP) e Gestão de Varejo em Moda (FBV). Nessa pesquisa, os estados com maior número de cursos de moda, ultrapassando dez, são: São Paulo (36), Santa Catarina (15), Rio Grande do Sul (15), Paraná (14) e Minas Gerais (13). Outros estados aparecem na relação com número inferior: Pernambuco (7), Ceará (7), Rio de Janeiro (6), Goiás (6), Bahia (5), Distrito Federal (4), Espírito Santo (3), Piauí (3), Amazonas (2), Pará (2), Paraíba (1), Rio Grande do Norte (1), Mato Grosso (1) e Mato Grosso do Sul (1). Estados que não possuíam registro no sistema e-MEC com curso na área são: Amapá, Acre, Maranhão, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins. A partir da consulta, montou-se uma tabela das escolas da área de moda de ensino superior do Brasil que estão registradas na plataforma e-MEC. O quadro foi montado pela ordem dos estados com maior número de cursos na área até os estados com menor número. Anotou-se o estado, a quantidade de curso e o grau registrado no sistema. Na tabela 1 diferenciou-se o grau do curso como Tecnológico (T), Bacharel (B) e Sequencial (S):

Tabela 1: Cadastro dos cursos de ensino superior na área de moda no Brasil (tabela criada a partir dos dados pesquisados no portal e-MEC entre os dias 8 e 9 de setembro de 2014)

<b>Estados</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Grau</b>
São Paulo	36	20 T, 15B e 1 S
Santa Catarina	15	5 T e 10 B
Rio Grande do Sul	15	11 T e 4 B
Paraná	14	8 T e 6 B
Minas Gerais	13	5 T e 8 B
Pernambuco	7	5 T, 1 B e 1 S
Ceará	7	6 T e 1 B
Rio de Janeiro	6	4 T e 2 B
Goiás	6	3 T e 3 B
Bahia	5	4 T e 1 B
Distrito Federal	4	4 T
Espírito Santo	3	3 T
Piauí	3	2 T e 1 B
Amazonas	2	1 T e 1 B
Pará	2	1 T e 1 B
Paraíba	1	T

Mato Grosso do Sul	1	T
Mato Grosso	1	T
Rio Grande do Norte	1	T

O que se percebeu com a pesquisa é que os números obtidos não refletem a quantidade total, mas a parcial dos cursos superiores nacionais na área de moda. Alguns cursos não apareceram no sistema, provavelmente pela diversidade de área de concentração em que foi registrado no e-MEC, tendo sido, talvez, cadastrado somente na área em que, na atualidade, percebe-se como maior: Design, porém com a formação voltada para a habilitação em Moda. Cursos que são cadastrados na mesma rede, mas com atuação em Campi de diferentes cidades. Em uma pesquisa mais aprofundada no estado de Santa Catarina, percebeu-se que alguns cursos cadastrados no sistema e filtrados como “em atividade”, não estavam mais em atividade, nem constavam mais na página da instituição entre os cursos oferecidos, atualmente. Cursos cadastrados no portal como Design de Moda, mas que na página da instituição são denominados apenas como Design. Instituição cadastrada que oferecia o curso em campi de diferentes cidades. E outros cursos que não foram encontrados na plataforma, mas que são ofertados. Assim, pela pesquisa havia um total de 18 cursos superiores de moda no estado de Santa Catarina em 2014.

De acordo com a pesquisa apresentada em 2011, no Fórum das Escolas de Moda na cidade de Maringá, Paraná, da jornalista Astrid Façanha (*apud* LIMA e MORAES, 2013, p.06), a relação de instituições com cursos superiores na área de moda no Brasil, em atividade naquele ano, totalizava 174 cursos. Entre eles, 75 cadastrados como bacharelados, 92 como tecnológicos, 5 como sequenciais e 2 como licenciaturas, sendo 18% deles ofertados por instituições públicas e 88% por instituições privadas.

Com o aumento dos cursos superiores na área, sugeriram os eventos científicos voltados especificamente para a moda, como o Colóquio de Moda (o mais conhecido e que completa 11 anos este ano), o Encontro Nacional de Pesquisa e Moda (ENPModa, 5 anos), o Congresso Científico Têxtil e de Moda (CONTEXMOD, 3 anos), o Congresso Internacional de Moda e Design (*CIMODE*, 2 anos), *Moda Documenta – Congresso Internacional de Memória, Design e Moda* (2 anos), dentre outros.

Em 2010, professores e coordenados de alguns cursos da área de moda de São Paulo formaram o Encontro Nacional de Moda (ENEModa). O grupo surgiu com a intenção de discutir assuntos referentes à área de formação, para propor melhorias nos cursos e debater sobre o reconhecimento dos cursos superiores em Moda como área de conhecimento e campo do saber junto ao MEC. No dia 29 de agosto de 2014<sup>8</sup>, foi lançada oficialmente a Associação Brasileira de Ensino em Moda (ABEModa), durante o 5º ENEModa, na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

A associação foi criada porque se percebe o aumento dos cursos de moda no país, o avanço produtivo e econômico na área e o crescente interesse pela moda. Embora o primeiro curso superior de moda no país tenha surgido em 87, e de lá para cá o aumento dos cursos de moda tenha sido significativo, ainda hoje o curso não possui uma diretriz curricular nacional específica de Moda. Aparentemente, entende-se, para o Ministério da Educação (MEC), que moda não é um campo de conhecimento e de saber, e que é necessário ter uma área maior que lhe assegure e lhe dê bases mais sólidas. Por isso, em 2002, de acordo com Souza, Neira e Bastian<sup>9</sup> (2010), a área de moda passou a ser avaliada como um conhecimento que compõe a matriz curricular da área do design.

Com esse novo enfoque, os cursos, até então denominados de Moda ou Estilismo - que possuíam matrizes curriculares que contemplavam disciplinas julgadas serem essenciais para a área, com conteúdos específicos de Moda - tiveram que ser reestruturados, alterando conteúdos, disciplinas, ementas e o próprio nome do curso, mudando o enfoque, em sua maioria, para Design de Moda. Toda reestruturação feita partiu das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design, consolidadas pela Resolução CNE/CES nº 05, de 8 de março de 2004<sup>10</sup>. Este documento<sup>11</sup> norteou a reelaboração dos

---

<sup>8</sup>Notícia sobre o evento, disponível em:

<[http://www.diariodecanoas.com.br/index.php?id=noticias/materia.php&cd\\_matia=78550&dinamico=1](http://www.diariodecanoas.com.br/index.php?id=noticias/materia.php&cd_matia=78550&dinamico=1)>. Acesso em: 3.set.2014.

<sup>9</sup> SOUSA, Cyntia Santos Malaguti de; NEIRA, Luz García; BASTIAN, Winnie. Regulação do ensino do design de moda – para quem? In: Anais 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://blogs.anhembi.br/congressodesign/anais/artigos/69520.pdf>>. Acesso em: 8.set.2014.

<sup>10</sup> CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Resolução nº 5, de 8 de março de 2004.** Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design e dá outras providências. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf)>. Acesso em: 08 set. 2014.

<sup>11</sup> De acordo com Souza, Neira e Bastian (2010, p.02), “Tais diretrizes têm permeado a cultura de ensino de moda no Brasil: conhecimentos e práticas do campo do design passaram a conviver com os mais tradicionais do campo da moda e a própria cultura do design também começou a se aproximar mais daquela, tratando mais profundamente de aspectos socioculturais e simbólicos, entre outros”.



novos projetos pedagógicos dos cursos da área existentes, para a aprovação pelos órgãos avaliadores (que avaliam de acordo com a resolução vigente) e a estruturação dos cursos que surgiram depois da aprovação das diretrizes.

Os cursos começaram a ser avaliados, também, pela nota geral que os alunos matriculados nos cursos tiravam no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade)<sup>12</sup>. Ou seja, o Enade avalia também os cursos e indica parâmetros de melhorias para a qualidade do ensino superior. Desde 2004, a partir da criação do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Sinaes)<sup>13</sup>, pela Lei nº10.861, o exame nacional (Enade) é utilizado.

Nesse contexto, a partir de 2006, os exames do Enade, atendendo à nova estrutura, começaram a ser aplicados aos cursos de design, com questões iguais para todas as habilitações que passaram a fazer parte da área: produto, gráfico, interiores, moda (SOUZA, NEIRA e BASTIAN, 2010). Com a análise da prova aplicada em 2006<sup>14</sup>, e pesquisa realizada por Souza, Neira e Bastian (2010), percebe-se que as questões de componente específico não se aplicam aos conteúdos estudados na área de moda. Das 30 questões, nenhuma contempla assuntos próprios desta área, o que, certamente, dificulta as respostas às questões, induzindo o acadêmico a agir norteando-se mais pela lógica ou intuição do que pelo conhecimento específico, como se pode perceber no gráfico 1.

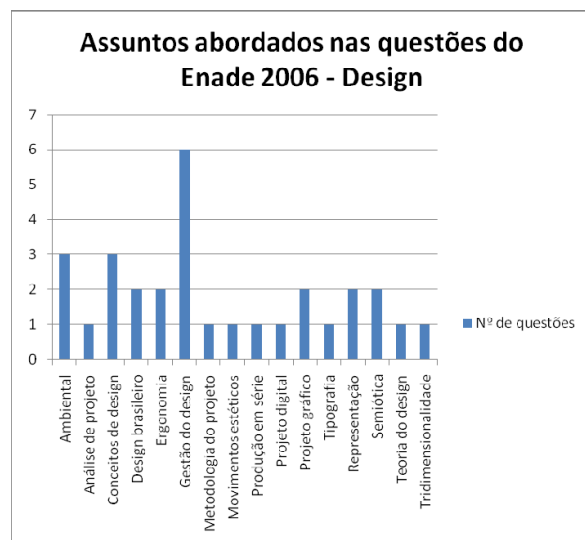
Gráfico 1: Relação de assuntos específicos abordados nas 30 questões (SOUZA, NEIRA e BASTIAN, 2010, p. 3)

---

<sup>12</sup>Pesquisa realizada no site e-MEC: disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf)>. Acesso em: 09.set.2014.

<sup>13</sup>Conforme informações do portal INEP, o Sinae foi “Criado pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, o **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes)** é formado por três componentes principais: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes.”. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/superior-sinaes>>. Acesso em: 09.set.2014.

<sup>14</sup>Exame do Enade do curso de Design de 2006, disponível em: <[http://download.uol.com.br/vestibular/provas/2006/enade2006\\_design.pdf](http://download.uol.com.br/vestibular/provas/2006/enade2006_design.pdf)> Acesso em: 09.set.2014.



A pergunta que fica é: qual foi a média das notas obtidas pelos alunos da área de moda?

No ano de 2006, de acordo com Souza, Neira e Bastian (2010), o MEC considerou a formação advinda do Curso Superior Tecnológico em Design de Moda, inserindo-o no Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia. A partir de então, criou o exame do Enade com questões específicas para o Curso Superior Tecnológico em Design de Moda. Desta forma, mais uma vez os cursos da área tiveram que se adaptar: ou “enxugariam” a carga horária, contemplando os conteúdos, antes ministrados em 4 anos, nos 2 anos ou 2 anos e meio que costuma ser a média de tempo de formação dos cursos superiores tecnológicos. Outra opção era inserir questões específicas do design, além daquelas já inseridas na reestruturação anterior, para que os alunos matriculados nos cursos de bacharelado em moda pudessem responder ao exame do Enade com mais conhecimento e assertividade. Tal procedimento resguardaria a instituição, na esperança de manter o curso em funcionamento (já que nota baixa no Enade<sup>15</sup>, o que equivale a conceito 1 e 2, em uma escala de 1 a 5, somada à nota da avaliação do curso e totalizando nota abaixo de 3, representa uma ameaça à continuidade da oferta do curso). Em 2009, o exame do Enade foi aplicado novamente aos cursos de design, mas naquele ano em duas modalidades: uma prova feita para os cursos de bacharelado em design, abarcando todas as habilitações, e uma prova elaborada para os cursos de tecnologia, o que incluía os cursos de tecnologia em design de moda, com

<sup>15</sup>Conforme informações da notícia: Mais de 200 cursos com baixa avaliação no Enade terão vestibulares fechados. UOL. Postado em: 20.nov.2013. Disponível em: <<http://archimedes.ne10.uol.com.br/2013/11/20/mais-de-200-cursos-com-baixa-avaliacao-no-enade-terao-vestibulares-fechados/>>. Acesso em: 8.set.2014.

questões voltadas para as habilitações específicas (SOUZA, NEIRA e BASTIAN, 2010). Nesse momento, provavelmente, a média das notas dos acadêmicos de moda tenha sido maior, em especial, dos acadêmicos matriculados em Cursos Superiores Tecnológicos de Design de Moda. Em 2012, foi realizada uma nova prova para os acadêmicos de cursos de bacharelado em Design, contendo conteúdos para todas as habilitações, com conhecimentos gerais do curso, entretanto naquele ano os cursos de bacharelado denominados Design de Moda ou Moda não foram convocados para fazer o exame.

Em novembro deste ano, o exame nacional será aplicado aos acadêmicos dos cursos de bacharelado em Design. Neste momento muitas perguntas ecoam como: Este ano a prova para a área de Design abordará conteúdos também específicos da área de moda para que acadêmicos de cursos em Bacharelado em Design de Moda possam responder? Os acadêmicos de cursos de bacharelado intitulados de Moda precisarão fazer a prova?

A ABEMODA (Associação Brasileira de Ensino em Moda) tentou sanar essas questões ao enviar uma nota de esclarecimento no final de março deste ano sobre o ENADE 2015 para todos os coordenadores de cursos de Bacharelado em Moda e Design de Moda. No contexto geral, o que se entende é: acadêmicos que estão inscritos em cursos de bacharelado em Moda, Design de Moda, **não serão obrigados a fazer a prova**, conforme a Portaria Normativa nº 3, de 6 de março de 2015<sup>16</sup>. Cabe à instituição inscrever seu curso (ou não) para fazer a prova com questões gerais do curso de bacharelado em Design. Somente acadêmicos inscritos em cursos Superiores Tecnológicos em Design de Moda **são obrigados a fazer a prova**, outros cursos com nomenclaturas diferentes das citadas na Portaria Normativa nº 3, **não serão convocados**.

Através da solidificação das diferentes diretrizes, os cursos se tornaram mais homogêneos em relação a conteúdo e disciplinas. Essa homogeneidade é boa quando se estabelecem padrões de qualidade, ao mesmo tempo em que

---

<sup>16</sup>Portaria Normativa nº 3, de 6 de março de 2015, que estabelece as regras do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE /ano de 2015. Disponível em: < [http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset\\_publisher/6AhJ/content/enade-2015-sera-aplicado-para-26-cursos-em-22-de-novembro](http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/enade-2015-sera-aplicado-para-26-cursos-em-22-de-novembro)>. Acesso em: 15.abr.2015.

os cursos podem perder a sua característica original, para atender à “formatação” vigente. Acredita-se que é necessário atender aos padrões de qualidade, mas sem ter que perder o diferencial de cada curso. Há, de fato, que se configurar um referencial identitário ao curso, senão será apenas mais um, em meio a tantos outros que já foram criados, como confere Fraga (2013):

O ensino de moda no Brasil ainda é muito recente, e com essa pasteurização que houve do ensino de moda no mundo, os americanos sucatearam o ensino de moda da Europa. Por isso, hoje todas as escolas já têm mais ou menos o mesmo programa, a mesma história. No Brasil – embora seja um dos países com o maior número de escolas de moda do mundo – é difícil você detectar uma vocação, um diferencial que faça você procurar esse curso pelo que ele oferece. Então ele é todo planejado, o que representa um problema muito sério. Se isso fosse pensado, se isso fosse sanado, o ensino de moda no Brasil despertaria interesse, inclusive de alunos de fora.

Frente ao exposto, entende-se que todos os tipos de avaliações são necessários para que se tenha, cada vez mais, qualidade no ensino superior no Brasil. Os parâmetros reguladores norteiam a criação e melhoria dos cursos. Ainda assim, há questões que se levantam: Como os cursos superiores de moda são vistos hoje no Brasil, em meio a tantas mudanças, sem ter legitimidade de fato e diretrizes específicas para a área? Como os cursos de moda mais antigos do Brasil, que passaram por todas as transformações, percebem essas mudanças “obrigatórias”, feitas “no meio do caminho”? Frente a todas as mudanças, provas com questões que não se aplicam à área, adaptações, um curso que quer ter sua essência em moda hoje, no Brasil, consegue ter uma identidade? Se o curso não se adaptar às mudanças postas pelos órgãos reguladores ele consegue sobreviver?

Depois de atender a todas as mudanças, a área de moda “necessita” de um território. Hoje, ela se enquadra na área do conhecimento da arte? Ela se enquadra na área do conhecimento do design? A moda no Brasil não tem um mercado, constituindo-se cada vez mais sólido e cursos suficientes capazes de tornar a “moda pertencente à área do conhecimento de moda”?

Essas são algumas questões levantadas na intensão da melhoria contínua de um curso que, atualmente, conta com o interesse de muitos estudantes, assim como do estudo da área que tenta quebrar com o paradigma

de futilidade que ainda lhe é atribuído (inclusive na academia) e fortalecer o de utilidade.

### **Considerações Finais**

A evolução das escolas de moda, como em outras áreas, evoluiu de acordo com as necessidades de cada momento, já que o aquecimento do mercado de moda do país nas últimas décadas fez com que houvesse o aumento da procura de profissionais qualificados na área. Tal aumento da valorização econômica da área fez surgir os primeiros cursos superiores em Moda. Ao longo dos últimos anos os cursos superiores na área passaram por adaptações para tentar atender algumas regulamentações de órgãos educacionais nacionais.

Essas mudanças foram importantes para garantir maior qualidade aos cursos criados, mas ao mesmo tempo foram adaptações que não se enquadravam com algumas ações da área. Deste modo, após este estudo, percebe-se que os esforços para legitimar a área não são para se fugir à regra, pelo contrário, servem para propor a criação de regras que sejam boas para todos ou, pelo menos, para a maioria. Criar diretrizes que possam ser aplicadas à área de moda e exames com questões voltadas para a habilitação específica, sem a necessidade de mudar ou fragmentar conteúdos que se julguem necessários no curso e diminuir o tempo de maturação e formação acadêmica: de bacharelado para tecnológico.

Este ano (2015), os acadêmicos dos cursos de bacharelado com a nomenclatura diferenciada de Design não serão convocados para fazer o Enade. Esta é uma conquista dos que lutam pela legitimação da área, como os diretores e participantes da ABEMODA. Que a força dos envolvidos aumente, que profissionais, pesquisadores e professores se envolvam para que a área de Moda seja de fato legitimada no Brasil, país que é considerado, atualmente, como o que mais oferece cursos de moda no mundo.

### **Referências**

AGUIAR, Grazyella Cristina Oliveira. **Expressões do imaginário na moda brasileira: um estudo dos processos de criação do estilista Ronaldo Fraga**. 2014. 558 f. Tese (Doutorado em

Comunicação e Semiótica) – Departamento de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=17819](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=17819)>. Acesso em: 10.mar.2015.

CALDAS, Dario. **Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências**. Rio de Janeiro : Senac Rio, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Resolução nº 5, de 8 de março de 2004**. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design e dá outras providências. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf)>. Acesso em: 08 set. 2014.

FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida. Belo Horizonte, Minas Gerais, novembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Ronaldo Fraga**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

GIBERT, Vera Lúcia Pieruccini. **O entorno acadêmico e industrial têxtil no vestir e morar brasileiros**. São Paulo : ECA-USP, 1993. (Dissertação de Mestrado em Artes).

GOMES, Susana Helena de Avelar. **Moda: entre arte e cultura**. São Paulo : PUC, 2005 (Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica).

LIMA, Gisele Matos; MORAES, Mario Cesar Barreto. **Os conteúdos de Administração nos Cursos de Moda de Santa Catarina**. In: 9º Colóquio de Moda, Fortaleza (CE), 2013.

Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/9-Coloquio-de-Moda\\_2013/COMUNICACAO-ORAL/EIXO-2-EDUCACAO\\_COMUNICACAO-ORAL/Os-conteudos-de-Administracao-nos-Cursos-de-Moda-de-Santa-Catarina.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/9-Coloquio-de-Moda_2013/COMUNICACAO-ORAL/EIXO-2-EDUCACAO_COMUNICACAO-ORAL/Os-conteudos-de-Administracao-nos-Cursos-de-Moda-de-Santa-Catarina.pdf)>. Acesso em: 8.set.2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo : Companhia das Letras, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo : Barcarolla, 2011.

PIRES, Dorotéia Baduy. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **Revista Nexos: Estudos em Comunicação e Educação**. Especial Moda/Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, v.6, n.9, p.112, 2002.

RODRIGUES, Walter. **Walter Rodrigues**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

SOUSA, Cyntia Santos Malaguti de; NEIRA, Luz García; BASTIAN, Winnie. **Regulação do ensino do design de moda – para quem?** In: Anais 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo, 2010. Disponível em:

<<http://blogs.anhemi.br/congressodesign/anais/artigos/69520.pdf>>. Acesso em: 8.set.2014.